

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

87, Rua do Norte, 103

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Gustavo Lyon — O arco sobre as cordas (conclusão) — Ch. V. Alkan (ainé) — Verdi — D. Delphina Pinto — Concertos — Notas vagas — Noticiario — Bibliographia.

dos os escrupulos para attender sómente á satisfação de lhe fazer justiça publicando-lhe o retrato e garantuando em sua homenagem estas modestas linhas.

GUSTAVE LYON

Já de ha muito que eu desejava dar-lhes alguns apontamentos biographicos, que lhes fizessem conhecer mais de perto este benemerito da Musica.

Hesitava porem sempre, porque ligado a elle de longa data pelas mais cordeaes relações de commercio e de amizade, cheguei a suppôr que não teria a frieza precisa para desenhar esta interessante personalidade artistica ou não encontraria nos meus leitores a precisa confiança na minha sinceridade.

O certo é que ao vel-o agora em Paris, n'um phrenesi de trabalho, a conduzir nos seus minimos detalhes todas as operações da sua *Classe 17*, sempre de humor alegre, prompto a pôr de parte a sua individualidade para acudir aos interesses e aos desejos de toda a gente, sem descurar o interesse commum: quando o vi desenvolvendo uma pasmosa actividade, como que multiplicando-se para satisfazer a tudo e a todos, de fórma a assegurar á Exposição musical que elle tão sabiamente organisou, o successo brilhante com que foi coroada, confesso-lhes que puz de parte to-



Para dar a isto uns vagos tons de biographia, tenho de dizer-lhes que Gustave Lyon nasceu em Paris, a 19 de Novembro de 1857,

que foi um dos mais brilhantes alumnos da Escola Polytechnica e depois engenheiro das minas do Estado, tomando aos 30 annos a suprema direcção da casa Pleyel.

Não é preciso frequentar muito tempo esta sympathica individualidade para nos penetrarmos da facilidade com que assimila os mais variegados assumptos scientificos e dos vastissimos conhecimentos, que adornam o seu brilhante espirito.

Consequencias naturaes d'uma instrucção de primeira ordem, d'um cerebro admiravelmente conforma-

do e d'uma rara tenacidade no trabalho.

É assim que elle poude n'um dado momento abandonar quasi por completo a sua carreira official, para se dedicar ao desenvolvimento e progresso da grande fabrica de Pianos de Pleyel Wolff & C.^a, já conhecida no mundo inteiro pela extensão das suas operações e pela excellencia dos seus productos.

Foi por occasião da morte de Augusto

Wolff, de quem era genro, que o engenheiro Lyon assumiu a direcção da casa.

Fiél ás boas tradições, de que se encontrava repentinamente depositario, seguiu sem hesitações o caminho que os seus predecessores tinham traçado, conservando nos modernos instrumentos, a natureza, por assim dizer a *individualidade* dos antigos *Pleyel*, o que não quer por fórma alguma significar que não diligencieie constantemente juntar riquezas novas e novos recursos aos typos consagrados pelo tempo e pelo applauso dos grandes mestres.

É a Gustave Lyon que se deve o *terceiro pedal*, independente dos outros: o pedal harmonico que permite sustentar no piano uma nota ou um accorde, como pela propria indole do instrumento se faz no órgão.

Inventou tambem um mecanismo para reduzir a sonoridade do piano ao seu minimo n'um dado momento em que se quer poupar ao resto da humanidade o supplicio das *escalas* e dos *exercicios*; e ainda o *Durcisseur*, outro apparelho applicavel a todos os pianos, e que tem por intuito tornar o teclado mais resistente aos executantes que carecem de melhorar o vigor do ataque.

Passarei em claro outras preciosas descobertas d'este lucidissimo espirito para lhes fallar do *Piano duplo* e da *Harpa chromatica*, essas duas creações que só por si assegurariam ao illustre engenheiro um logar eminente na industria artistica do nosso tempo.

Imaginando o primeiro, quiz Gustave Lyon resolver um problema que muito interessava á musica de *ensemble* em dois pianos: obter a intima fusão das diversas vozes instrumentaes, impossivel com o emprego de dois instrumentos distinctos e difficil mesmo com a juxtaposição de dois pianos.

Para isso reuniu na mesma caixa, *sobre o mesmo tempo harmonico*, dois pianos de cauda, de modelo mediano, que se adaptam um ao outro pela mesma maneira como se obtem um parallelogramo com 2 triangulos invertidamente collocados.

Esta disposição, que é realmente bem simples, demandou um longo trabalho de acustica, para poder determinar a tensão e o diametro das cordas, de fórma a obter vibrações bastante sonoras que attingissem os grandes auditorios e ao mesmo tempo sufficientemente claras para que os desenhos harmonicos e melodicos se pudessem distinguir nitidamente.

Mas o successo foi completo e hoje o *Piano duplo* adquiriu foros de nobreza entre os concertistas mais conceituados da França e do estrangeiro.

Quanto á *Harpa chromatica* que não é

uma novidade para os meus queridos leitores, pois já aqui lhes tenho fallado d'ella por varias vezes, é um instrumento cujo exito já se não discute. Espera-se só que a caprichosa *Moda* prescreva por uma vez a velha harpa de pedaes, e a vote ao ostracismo das cousas inutilmente complicadas.

Gustave Lyon trabalha agora com afincos n'uma audaciosa novidade: os *timpanos chromaticos*, que vem tambem resolver um problema em que até aqui se não tinha pensado, mas cuja solução é d'um notavel alcance no dominio da musica orchestral.

E não parará decerto ahi a actividade febril do nosso biographado. Gustave Lyon não é homem que adormeça sobre os louros da vespera; vae sempre para diante como se cada difficuldade vencida fosse novo incentivo para outros empreendimentos.

*

A lista das distincções e recompensas de que tem sido alvo o actual chefe da casa Pleyel é tão longa que me é impossivel aqui transcrevel-a.

De resto a consagração dos primorosos productos da sua fabrica, está de ha muito feita pelo proprio publico.

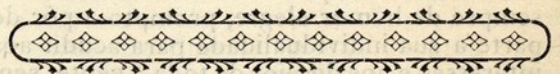
Na actual Exposição de Paris tem nada menos de 9 pianos de cauda, entre os quaes um delicioso piano *Imperio* com bronzes dourados de grande riqueza, um *piano duplo* envernizado de branco e ouro, etc.

Apresenta tambem 5 pianos verticaes, 2 harpas chromaticas, 1 alaude especialmente destinado para a execução dos «*Mestres Cantores*» na Opera de Paris e baseado nos mesmos processos da harpa chromatica.

Na sua qualidade de Presidente das Comissões de admissão e de installação da *Classe 17* e mais tarde nomeado Presidente do jury da mesma Classe, teve os seus magnificos instrumentos classificados *hors concours*.

Gustave Lyon, que já era legionario desde 1889, foi ultimamente promovido ao grau de Official, como merecida recompensa dos incessantes serviços prestados ao seu paiz e especialmente á Arte da musica.

L.



O arco sobre as cordas

(Conclusão)

O nosso corpo está portanto disposto para se agitar todo aos accents da melodia e mais ainda ás vibrações da harmonia, que

estimulam e fecundam a nossa actividade. Por este modo sentimos uma especie de dilatação e reforço em todo o nosso ser. A vida circula-nos mais abundante e desperta.

Mas isto ainda não é a revelação da arte e da sua magia, pois que apenas estamos analysando os effeitos de um simples som. Todavia uma pequena fâsca do fogo divino, como o de Prometheu, basta para nos communicar a chamma e despertar-nos o enthusiasmo.

Penetremos agora mais avante, no mysterio do som e da sua força expressiva.

O violino é um litterato cujo talento nos encanta; a voz mais seria da viola faz nos reflectir; eis que o violoncello, philosopho profundo, nos suscita graves e attrahentes problemas. Ao primeiro perguntámos o que é a altura, do segundo soubemos quaes são os effeitos da intensidade. Interroguemos agora o violoncello sobre os arcanos do timbre. De todos os instrumentos de cordas parece este, a tal respeito, o mais rico e commovente.

Um grande mestre em acustica, Helmholtz, descobriu o segredo, por muito tempo ignorado, do timbre.

Em torno de qua'quer som fundamental, envolvendo-o como que de uma penumbra sonora que mal podemos distinguir, uma multidão de vibrações harmonicas fazem d'elle um accorde mais ou menos complexo. Como a simplicidade aparente do som está longe da sua riqueza effectiva! Como nos poderemos admirar de que as pessoas sensiveis a esta fórma, a esta revelação do bello invisivel mas presente em toda a parte, tenham por ella tanta predilecção?

A vida, no nosso organismo, compõe-se de uma infinidade de actividades elementares, infinitamente pequenas. As que menos se percebem não são as menos intensas. É a estes estremecimentos surdos, mas poderosos, que correspondem as vibrações harmonicas, os elementos occultos mas os mais effectivos do som: em uma palavra, o timbre.

Eis porque, das tres propriedades do som, o timbre é a mais importante; eis porque o artista se esforça em manejar o arco de fórma que produza os mais bem timbrados sons, eis porque a orchestração moderna, que nas suas polyphonias combina os mais diversos timbres, nos arrebatá e subjuga.

Por isso, especialmente por isso, ella não interessa sómente o nosso systema nervoso e ás suas mais intimas actividades: o timbre, mais do que a altura e do que a intensidade, influe sobre a nossa propria alma.

A vida da alma tem tambem o seu tim-

bre, as suas vibrações harmonicas. Os psychologos, a começar principalmente em Leibniz, descobrem n'ella percepções surdas, um verdadeiro thesoiro occulto na sua maior profundidade, sentimentos indefiniveis, emoções em germen ou em fermentação, um mundo ignorado onde palpitam divinas harmonias.

O timbre dos sons desperta sympathicamente a vida dormente n'esses chaos. É essa a grande superioridade da musica sobre a palavra.

Em vão o orador procura dar ás palavras a mais larga significação que ellas possam ter; em vão as emprega no sentido poetico e as envolve como que n'uma auréola imensa onde todas as analogias se reunam, onde todas as luzes se cruzem, attestando a verdade do dito de Montaigne: «Tudo está em tudo»; em vão elle chamará em seu auxilio o accento da palavra, o rythmo da linguagem, o timbre da voz: as palavras articuladas encerram necessariamente o espirito nos estreitos limites de idéas mais ou menos precisas, mantendo-o na esphera superficial do pensamento «claro e distincto».

Mais psychologo do que Descartes, o musico, o violoncellista, com um golpe de arco em uma das cordas do seu instrumento, penetra mais além e mais fundo. Quando a alma está bem disposta para se abrir, como a flôr pelo sol, um som puro e cheio basta; logo surgem todas as imagens, agitam-se todas as emoções; alegrias ou tristezas, esperanças ou saudades, lagrimas ou sorrisos se expandem ou se concentram. Despertada, pelo timbre, a alma abre as suas grandes azas, e n'um livre adejar sobe aos horisontes, infinitos, pairando nas mysteriosas regiões do ideal.

Como então se torna comprehensivel o enthusiasmo do philosopho que ousou exclamar: «A musica é para mim uma admiravel e seductora amiga cuja ausencia muito prolongada me prejudica ordinariamente o trabalho, as faculdades e até a saude (*)!» — Pequenas serão sempre as homenagens que se prestem a uma tão util amiga!

Não as prestarei porém agora, porque trato só de pôr em relevo um dos effluvios que d'ella dimanam; o meu fim é analysar simplesmente o som musical em si mesmo, considerado isoladamente, sem me aproximar, nem mesmo considerar de longe os maravilhosos edificios de que elle é apenas uma pedra.

Mas, conservando-me nos limites do meu intento, quantos segredos haveria para es-

(*) A. Graty.

clarecer senão fosse o receio da prolixidade!

Só esta ultima observação: A corda atacada pelo arco não vibra sosinha. Já na sua pitoresca e picante linguagem o disse S. Francisco de Salles: «Se estiverem proximos dois alaúdes afinados em unisono, quando se toca n'um d'elles o outro resoa por amizade». São as «vibrações sympathicas. No proprio instrumento, as de qualquer corda communicam por certos pontos de união (o cavallette e a alma) com a caixa de resonancia em que a mesma corda se estende. Todas as fibras dos tampos, todas as moleculas d'essas fibras vibram solidariamente. Assim, o movimento transmite-se todo a um organismo delicado. Coisa curiosa! enquanto os nossos corpos, sem duvida solidamente construidos, se arruinam pela acção d'aquelles entes infinitamente pequenos que Alexandre Dumas chamou vibrões, um violino construido por Stradivarius no seculo XVII ou sahido das mãos do mais antigo Amati no seculo XVI, parece dotado de uma juventude inalteravel. Que digo eu? Tem hoje accents ainda mais sonoros e mais cheios, mais puros na suavidade e na força do que tinha ha trezentos annos. Não só conserva o character nativo, a perfeição inicial, mas parece ter arrecadado entre as suas fibras e atomos, cada vez mais doces e elasticos, todos os movimentos que lhes imprimiram os mestres do arco. Quem se serve hoje d'elle aproveita os thesoiros reunidos e junta-lhe novas riquezas.

Felizes organismos que não se estragam, antes remoçam, com o uso!

E entretando é certo que todas as fibras d'elle se agitam sob a acção do arco. Affirma Leibniz que a natureza não produz duas monadas absolutamente eguaes. Portanto cada uma das que constituem o corpo de um instrumento de cordas vibra por sua conta, com timbre proprio. Mas todas ellas reunidas pelo genio do violeiro e postas em acção pelo musico, concorrem para uma especie de harmonia preestabelecida.

Um só violino ou um só violoncello é admiravel orchestra, extremamente numerosa e maravilhosamente afinada! O arco é o chefe. A sua missão consiste em invocar as sonoridades adormecidas nas monadas, n'essas pequenissimas almas inconscientes mas vivas.

E digo vivas, porque em tudo ha vida; os calculos da mecanica dão apenas uma formula abstracta dos movimentos que a manifestam, assim como, na execução do artista, o mecanismo e a virtuosidade devem somente ser a condição de um estylo expressivo.

Portanto, sob a acção do arco, todas essas almas formam uma só alma, da qual um pedacito de pau que tem esse nome é apenas um grosseiro symbolo. Todos esses timbres individuaes fundem-se n'um timbre unico, espantosamente rico. O mais insignificante som produzido por este meio é um concerto suggestivo, como o mais tenue raio de luz contem virtualmente todo o mysterio e todo o esplendor d'ella, como toda a monada é representativa do universo, segundo a formula de Leibniz.

Mais verdadeira que a philosophia e que a sciencia, diz-nos a poesia que os instrumentos de corda teem alma e que o arco sobre as cordas é um invocador de almas.

Leia-se, no *Luthier de Crémone*, os bellos versos de Coppée; entre outros, a passagem que termina por estes:

Moi qui naïvement crois à l'esprit des choses,
En te disant adieu, je viens te supplier,
Noble et cher instrument, de ne pas oublier
Celui qui t'a donné tes beaux accents de flamme
Et le pauvre luthier qui t'a soufflé son âme.

TRADUÇÃO.



CH. V. ALKAN (ainé)

O artigo do nosso ultimo numero ácerca d'este eminente artista causou profunda impressão entre os que em Portugal se dedicam a trabalhos pianisticos e podemos affirmar que alguns dos nossos professores e das nossas melhores pianistas teem engrandecido o seu repertorio com varias obras que no mesmo artigo se citavam.

Facto que não é para estranhar, attendendo á auctoridade do articulista, o nosso laureado professor José Vianna da Motta.

Ainda a proposito de Alkan, recebemos do illustre artista portuguez a seguinte carta, que gostosamente publicamos.

Berlim, 7 d'Outubro 1900

Amigo e Sr. Lambertini

A sua observação ácerca das difficuldades que se encontram nas obras de Alkan suggeriu-me a ideia de as coordenar conforme o grau de difficuldade, auxiliando por este meio aquelles que desejem conhecer o grande musico.

Ha peças na sua obra só attingiveis aos «virtuosos», mas isso não é razão para assustar os outros pianistas. Imagino tres grãos: as peças do 1.º gráo podem ser bem

executadas por aquelles que tenham absolvido o seu «Clementi». As do 2.º gráo demandam mais resistencia, mas ainda não attingem as difficuldades dos Estudos de Chopin. No 3.º gráo colloco então aquellas que pertencem ao que se tem escripto de mais difficil para piano.

Já vê o meu amigo que as peças do 1.º e 2.º gráo encontrarão bastantes executantes e devem ser cultivados por todos os professores.

1.º Grau

- Op. 22. Nocturne.
- Op. 38. Deux suites de Chants.
- Op. 39, Nr. 5. Marcia funebre
- Op. 45. Salut! cendre du pauvre.
- Op. 63. 48 Motifs.
- Op. 72. 11 Pièces.

2.º Grau

- Op. 15, Nr. 1 e Nr. 3.
- *) Op. 37. Marche Nr. 1.
- Op. 39, Nr. 4 (Sinfonia) e 9 (Concerto).
- *) Op. 50. Capriccio.
- Op. 54. Benedictus,
- *) Op. 61. Sonatine.
- Op. 64. Prières.
- Op. 66. Préludes.
- Deux Fantasticheries.
- *) Etudes dans les tons majeurs.
- *) *Mais difficeis que as outras d'este gráo.*

3.º Grau

- Op. 39, Nr. 1, 2, 8, 12
- Op. 15, Nr. 2. Le Vent.
- Op. 17. Le Preux.
- Op. 27. Le Chemin de fer.
- Op. 76. Trois Études.

J. VIANNA DA MOTTA.

VERDI

O venerando e glorioso velhinho que se chama Giuseppe Verdi entrou, quarta feira 10, no 88.º anno de idade.

Ainda não ha muitos dias que esteve em Milão occupando-se com juvenil actividade do grandioso edificio que á sua custa mandou construir para asilo de musicos invalidos.

A «Arte Musical» envia respeitosamente as suas congratulações por esta gloriosa data ao grande musico italiano, acompanhando com o seu modesto voto os milhares d'elles

que de todo o mundo terão n'este momento sido recebidos na mansão de Sant'Agata, onde merecidamente repousa quem tão utilmente tem vivido.

GALERIA DOS NOSSOS

D. Delphiña Pinto



Mais uma pianista depois de tantas? Sim. Mas superior a muitas.

Pela extrema perfeição technica, pela séria interpretação dos grandes classicos, pelo desprezo dos effeitos apparatusos que deslumbram a maioria mas não illudem a minoria, pela contida e sincera modestia com que applica

todos os seus sentidos ao rigoroso desempenho da obra de arte que interpetra, sem se desvanecer com a idéa de que está sendo ouvida e vista por centenaes de pessoas.

D'aqui deriva aquella rigida immobilidade, essa apparente frieza, esse quasi automatismo pouco grato a ouvintes que dão valor a exterioridades plasticas.

É uma sacerdotisa da arte, convicta e dedicada.

Fez voto de obediencia absoluta, abnegação completa, respeito profundo pela religião que serve. Consagrou-lhe toda a sua existencia e não duvidará ir até ao martyrio, que n'este caso pode muito bem consistir em apodos promovidos por algum sentimento inconfessavel.

FUX.

CONCERTOS

Na noite de 11 realisou o nosso amigo, o Sr. Julio Caggiani um concerto instrumental no Club de S. João do Estoril.

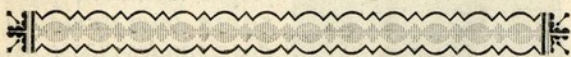
No programma, além do talentoso violinista que promoveu o concerto, figuraram os Srs. Zavala, Julio Camara e Julio Silva, tocando respectivamente piano, bandolim e guitarra.

*

A favôr do Sanatorio marítimo de Carcavellos, realisou-se em 12 outro concerto que teve logar no Casino de Cascaes e foi devido á iniciativa de Alexandre Rey Colaço, que como sabemos está sempre prompto a pôr o seu talento e a sua actividade ao serviço das grandes causas de benemerencia e philantropia

Collaboraram n'esta festa as illustres amadoras, as Sr.^{as} D. Leonor Atalaya, D. Palmyra Castilho, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso e D. Judith Fernandes, e os Srs. Cecil Mackee, Maia Cardoso, Antonio Bossa, Raul da Silva Pereira e Pedro de Freitas Branco.

Não pudemos assistir nem a uma nem a outra d'estas festas.



NOTAS VAGAS

Cartas a uma Senhora

XVIII

De Lisboa.

Nas suas tão interessantes e tão lindas cartas, faz-me V. Ex.^a a descripção da praia em que se encontra e ainda agora em que procuro responder-lhe, estou relendo esses coloridos periodos tão cheios de sentida poesia e de penetrante encanto!

Deliciosa, lhe chama a minha querida amiga, e como em Portugal nós outros o não sonhamos sequer, e pois que o diz, assim deve ser.

As casas construidas em hemicyclo, contornando-a toda, e alongando-se depois pela montanha acima; jardins mais ou menos extensos envolvendo-as quasi por completo e esses transformando-se a miude em vastissimos parques, e chalets — que são uma maravilha!

Assim se exprime V. Ex.^a e para quem esteja condemnado a emparvecer em Espinho ou em Pedrouços, deve de ser triste imaginar que lá longe existem recantos doces onde a vida é rosea e onde a arte é bella...

Porque, quanto a natureza, de certo não contesta V. Ex.^a que ella aqui não possui menor fulgor.

Ahi tem a minha boa amiga essa Figueira, da Foz chamada, com a sua vastidão immensa, com a quieta Buarcos desenhando-se ao longe n'uma curva ideal, e onde mãos de artistas poderiam ter edificado uma região de sonho...

Não é menos dourada e fina a areia que as suas ondas beijam, não é menos encantadora e rica a perspectiva que a sua vista oferece, e tem a opulental e mais a côr especial e unica da divina luz que a banha; mas que quer? tomaram conta d'ella meia duzia de inscientes cerebros, organizações refractarias á mais tenue noção do bello, espiritos lamentavelmente amputados e mancos, e a Figueira converteu-se, n'aquella encodeada e desgraciosa coisa que todos conhecemos...

O seu chamado bairro novo, que tão pitoresco e tão attrahente poderia haver ficado, é uma ignobil e anti-esthetica successão de casario banal, e a respeito de arvoredo talvez lá para o seculo XXI se resolvam a collocar-o...

D'essa afamada Espinho nem mesmo lhe falo — por decencia.

A Granja que lhe fica ao pé, lá procura em certa maneira rehabilitar-se d'essa vizinhança grosseira e bronca mas, coitada, pouco pôde fazer e até ultimamente atravessa uma phase de decadencia, longe dos aureos tempos em que era escolhida para berço de pactos com c e sem c.

E cá pelo sul Cascaes, com a sua bahia unica, faz todo o possivel para se elevar ativa na curva luminosa da civilisação e do bom gosto mas as suas ruas tortuosas e estreitas a custo lhe teem permittido a lucta, travada aliás com um vigor e um brilhantismo insignes por aquelle verdadeiro benemerito que se chama Costa Pinto, e que mais conhecido pelo epitheto expressivo de *Pimpão*, tem na verdade realisado as mais assombrosas e ao mesmo tempo as mais proficuas pimponices que a indifferença e a apathia geraes poderiam phantasiar...

Taes *pimponices* — bemitas sejam — todas resultaram até agora em beneficio d'esse outr'ora miseravel burgo, e agora é já com um prazer visivel que lá poderemos passar alguns dias — ou mesmo algumas manhãs.

Não me referirei ás noites, porque essas quando o luar as esmalta são positivamente inestimaveis...

Poderia ainda alludir aos varios Estoris, velhos e novos, onde por vezes, d'um recanto de verdura, uma casita leve emerge graciosa — o que faz esquecer e perdoar até os barbarismos varios que lá teem perpetrados tantos, mas tudo isso mal fará amortecer no seu formoso olhar, a onda de tristeza que n'elle mesmo a distancia leio, ao lembrar-se que á mesma hora, quasi, em que ahi V. Ex.^a se delicia á sombra de frescas arvores, ouvindo a musica dos casinos luxuosos, e vendo deslizar ondas de gente animada e feliz, aqui apenas meia duzia de

creanças brincam descuidosas com a areia sob as vistas mais ou menos aborrecidas de algumas estrangeiras indifferentes ou escarminhas, e um ou outro velho par escabeceia fazendo horas para o jantar — ou para a *sonneca*.

Pelo que não lhe virá o desejo de vir até cá e antes seremos nós que gulosamente sentimos a tentação de ir até lá...

AFFONSO VARGAS.

NOTICIARIO

Do paiz

Recebemos n'esta redacção o nosso bom amigo Leon Jamet, distincto professor e organista de S. Luiz, que teve a amabilidade de nos contar algumas das impressões da sua recente viagem a França.

D'entre ellas pedimos licença ao nosso amigo para aqui transcrever um facto que achamos interessantissimo e que encheu de satisfação o sympathico organista.

Almoçava elle na Taverne do Odéon em Paris com seu pae e mais dois ou tres amigos. Conversavam *musica*.

Os ditos, as apreciações, as criticas cruzavam-se com a despreoccupação de quem se sente feliz em presença d'um almoço succulento e longe das mil inquietações que nos impõe, na propria terra, a enfadonha *necessidade de viver*.

Subito, acerca-se do grupo um desconhecido e dirigindo-se especialmente a Jamet, em quem suppoz logo o melhor musico do grupo, apesar da triste doença que o privou quasi totalmente da vista, lança-lhe rapidamente esta pergunta:

—Diga-me, qual das duas partituras prefere, a *Cavalleria Rusticana* ou a *Bohème*?

O pobre Jamet ouvindo partir a interpeção d'um intruso, comprehendeu que lhe arriavam uma ratoeira e hesitou alguns momentos, mas resolveu-se por fim a dizer o que sentia e a defender a sua opinião á *outrance*, se a sua escolha tivesse de incorrer no desagrado do desconhecido.

—Ambas as operas teem para mim um grande interesse, mas para lhe fallar com franqueza, acho muito superior a *Bohème*.

E foi apoiando o seu accerto com todos os argumentos que a sua grande erudição lhe suggeriu, calorosamente ditos por que eram sinceramente sentidos.

Depois de o ouvir, responde-lhe o outro commovidamente:

—Obrigado pela apreciação. A mim, Giacomo Puccini, não podiam deixar de me ser particularmente agradaveis as suas palavras.

E com mais um conviva, prolongou-se o almoço até ás horas do... jantar.

O grande musico italiano separou-se por fim do seu novo amigo, promettendo-lhe o envio de uma partitura da *Tosca* com uma dedicatória autographa e uma nova entrevista em Lisboa quando vier assistir á primeira representação d'aquella sua nova obra, o que, segundo parece será em Novembro ou Dezembro proximo.

✱

Conservatorio:—No dia 9 realisou-se o concurso de admissão para o Curso superior de piano, sendo approvadas as seguintes meninas:—Annizia P. Coelho da Silva, Beatriz de Carvalho, Julia A. Dias Henriques, Laura A. G. da Matta, Lina Vianna Ruas, Luiza J. de Sousa Jordão e Maria F. Simões Alves e reprovadas as restantes 3 candidatas.

—A 10 abriram-se as aulas dos differentes Cursos. No proximo numero diremos quantos alumnos foram matriculados em cada um d'elles.

—Será brevemente annunciado concurso para a vaga de uma cadeira de Professor auxiliar de violino.

Do estrangeiro

A Administração municipal de Londres (*County Council*) dispendeu, durante a ultima estação estival, cerca de nove mil libras com a musica gratuita que fez executar nos diversos *squares*. Além das quatro orchestras, compostas de 25 musicos cada uma, que a Administração sustenta permanentemente, contratou mais 35 orchestras diversas, que deram 58 concertos desde 15 de maio até 15 de agosto. Durante toda a estação tiveram os habitantes de Londres 754 concertos gratuitos.

✱

Por ordem do imperador de Austria, a superintendencia dos theatros e os archivos da Capella imperial de Vienna enviaram para a Bibliotheca imperial todo o seu peculio bibliographico. Da Capella foram trezentas composições de musica religiosa, anteriores quasi todas ao anno de 1858 e entre ellas muitos autographos importantes. A Opera enviou mil e trezentas partituras de operas, bailados, cantatas, oratorias, symphonias e arias intercaladas em diversas operas antigas. Com esta remessa ficou a época Mozart-Haydn, assim como todo o tempo decorrido desde essa época até 1858, abun-

dantemente representada pelos mais apreciáveis exemplares. Os antigos reportórios francez e italiano também ali brilham pelo numero e importancia das partituras. Convem notar que aquella bibliotheca possuía já numero consideravel de partituras do seculo XVIII, entre ellas as que escreveu Gluck no exercicio das suas funcções de *Kapellmeister* da imperatriz Maria Thereza.

✱

Em 21 do corrente reabrem os Concertos Colonne em Paris no «Châtelet», em 15 de novembro no «Nouveau Theatre». Os do «Châtelet» serão em numero de 24, terminando na quinta feira santa, 5 de Abril.

As *matinées* do «Nouveau Théâtre» serão dez, dadas quinzenalmente até 21 de março.

Os Concertos Lamoureux», dirigidos por M. Camille Chevillard, reabrem a 4 de novembro.

N'estes concertos executar-se-hão pela primeira vez o terceiro acto do «Crepusculo dos Deuses», o terceiro acto do «Siegfried», o «Oiro do Rheno» (integralmente) e a symphonia «Fausto», de Liszt.

✱

A sociedade «Ricardo Wagner» de Berlim propõe-se celebrar em 1901, o vigessimo quinto anniversario da primeira representação do «Anel do Nibelung» em Bayreuth; dará um grande festival dirigido por Munk e Ricardo Strauss, executando-se, alem de varias composições ineditas d'este director-compositor, uma obra de Nietzsche, o celebre philosopho ultimamente fallecido, que depois de ter sido admirador de Wagner se tornou seu adversario por este não approvar as suas obras. A obra musical de Nietzsche que se projecta submitter agora ao criterio publico intitula-se «Hymno á Vida». O philosopho allemão tinha composto um «Hymno á Solidão» e outro á «Amisade».

✱

Companhia lyrica do Theatro Real de Madrid durante a proxima época: primeiros sopranos, Angelini, Carrera, Darclée, Judice, Tetrzini, Irma Timroth, Rosa Vila; sopranos lyricos: Maria Barrientos, Bittini, Gracia Rubin; meios sopranos e contraltos: Bruno, Dalilander, Gardeta; outros sopranos e contraltos: Gazull, Garona, Lucci, Roldan, Welson; primeiros tenores: Biel, Delmas, Giraud, Marconi, Palet, Pini-Corsi, Vaccari, Vinas, Mazzani; baritonos: Buti, La Ruma, Puiggener, Lunardi; primeiros baixos: Lanzoni, Verdaguer, Vidal; baixo comico, Travechi; segundas partes: Fuster, Belogni, Vivo. Chefes d'orchestra: Campanini, Pedro de Urrutia.

No repertorio figuram os «Mestres Cantores», «Lohengrin», «Oiro do Rheno», «Valkyria», «Siegfriedo», «Crepusculo dos Deuses», «Werther», «Tosca» e «Bohème».

✱

Ultimamente houve em Berne uma festa nacional em que a musica popular teve a mais importante parte. Em todas as ruas e praças da capital suissa se ouviram os *Yoellers* dos cantões de Appenzel e outros, cantando estrophes caracteristicas de dois e quatro versos denominados *gsaetzli*, acompanhando-se com o rustico *Alpenhorn* tão estimado pelos montanhezes dos Alpes. Houve um concurso de cantos populares, sendo o premio uma campainha de prata para o vencedor pendurar ao pescoço da sua vacca favorita. Obteve esse caracteristico premio Gottlieb Schild, afamado cantor popular que já tem triumphado n'outros concursos identicos.

✱

No dia 1 de outubro cantou-se na Opera de Paris pela centessima vez o «Cid» de Massenet.

Para celebrar este acontecimento, os auctores da musica e do libretto offereceram a quantia de mil francos para a «caixa de apoiações» do theatro e os editores offereceram igual quantia para o mesmo fim.



BIBLIOGRAPHIA

«Methodo de Musica, theorico, pratico e progressivo», por José Guerreiro da Costa. — O auctor d'esta nova publicação é um professor muito distincto e com longa pratica de ensino; não só como executante na orchestra e na banda, mas também como mestre de musica militar e professor particular, o seu merito está de ha muito reconhecido.

O sr. Guerreiro declara, no prefacio da sua obra qual foi a sua intenção ao publical-a:

«... o desejo de tornar publico o meu systema de ensinar os elementos da musica, systema por mim muito experimentado, sempre com excellentes resultados, fructo de muitas meditações e da pratica de mais de quarenta annos de ensino.»

Muito desejamos que o sr. Guerreiro veja coroados de bom exito os seus sacrificios, porque não poucos são necessarios para se publicar no nosso paiz qualquer obra musical de alguma importancia.